

*NH*

# REVISTA DO NORTE

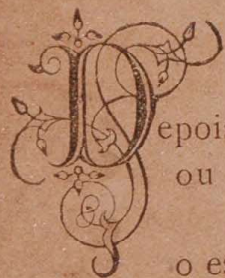
RECIFE, 20 DE JUNHO DE 1891

Contribuições para a historia do Direito

CAPITULO III

EGYPTO ANTIGO

( *Continuação* )



Depois de todos, seguiam-se os escravos colhidos na guerra ou comprados aos mercadores como José.

O escravo, porem, podia libertar-se, e não conservava o estigma de sua condição anterior. Mesmo as raías traçadas entre as diversas castas não eram tam insuperaveis que não fossem continuamente transpostas por estranhos.

Entre os meios de conseguir a liberdade, dispunham os escravos egypcios do refugio n'um templo fazendo-se, assignalar por sinêtes sagrados, pois ficava então pertencendo ao deus patrono do templo.

Ficou dicto que as duas classes privilegiadas dos ministros do culto e dos soldados se eximiam das contribuições, que, por isso mesmo, cahiam mais pesadas sobre as outras. Estas contribuições provinham, principalmente do imposto territorial cuja quotidade era o quinto da renda, segundo o Genesis. As terras não eram do individuo, mas do Estado. Quem as possuia de facto devia pagar um



tributo annual. Alem deste imposto que foi o primitivo, outros muitos foram apparecendo gravando as industrias e o commercio. Por estes meios augmentaram as rendas do Estado, que recorria ainda a outros expedientes, como a exploração das minas, para occorrer aos fausto dos pharahós. Entre os expedientes financeiros, lembraram-se nos ultimos tempos, os estadistas egypcios de prohibir a exportação do papyrus em proveito do erario real. Esta medida compressora deu em resultado a invenção do pergaminho — *pergamena ckorta*, e, por consequência, cessou a procura do papyrus. E assim a intelligencia humana resplica aos pilretes que tentam estorvar-lhe a actividade, desmoronando-lhes os castellos de gêsso fornicados pela ambição soez e gananciosa.

Nas linhas antecedentes ficou debuchada a organização social e juridica desses primogenitos da civilisação humana.

Em seus livros de doutrina elevavam-se elles a idéas generosas e de uma rigida moral.

No *Livro dos mortos* a alma exclama perante o tribunal de Osiris : “ Eu por certo vos conheço senhores da verdade e da justiça; trouxe-vos a verdade, destrui a mentira por amor de vós. Não commetti fraude contra os homens, não atormentei a viuva, não menti no tribunal. Não conheço a mentira. Não fiz cousa alguma prohibida ! Não obriguei nenhum chefe de operarios a fazer, n’um dia mais, do que devia ! Não fui descuidado, não estive ocioso, não fraquejei, não desfalleci ! Não fiz o que os deuses abominam ! Não prejudiquei o escravo no conceito do senhor ! Não fiz passar fome, não fiz chorar, não matei, não mandei matar por traição. Não defraudei ninguem ! Não dei destino improprio aos pães do templo ! Não destrui os bolos da offerta. Não tirei as provisões nem as fachas dos mortos. Não quizei ganhos fraudulentos ! Não vicieei a medida dos grãos ! Não furtei um dêdo n’um palmo ! Não usurpei nos campos ! Não adqueri lucros illicitos falsificando os pesos da balança. Não tirei o leite da bocca do recém-nascido ” ! Esta linguagem dá perfeitamente a medida do pensar ethico-juridico da sociedade em que foi escripto o livro sagrado de onde foram extractadas as phrases que acabam de ser lidas. Ellas completam bem o quadro que ficou traçado na exposição das leis e costumes juridicos dos egypcios.

Mas para se comprehender melhor o conjuncto de todos estes factos é preciso ter sempre em vista que essa sociedade era organizada sob bases aristocratico-feudaes, repousando sobre columnas



theocraticas. "Nos monumentos das dynastias primitivas do Egypto, diz Lenormant, vemos o poder concentrado nas mãos de uma casta militar pouco numerosa, de uma aristocracia que, por certos lados, tem o ar affectado de conquistadores e á qual o povo se submette docilmente. Suas familias são todas aparentadas mais ou menos estreitamente com a raça imperial, graças ao grande numero de filhos que nascem nos harens do soberano.

Verdadeiros barões feudaes, os membros dessa aristocracia occupam hereditariamente todas as funções elevadas da ordem militar e politica e se transmittem de paes a filhos o governo das provincias. Se apoderaram mesmo do sacerdocio, como todas as velhas aristocracias do paganismo, monopolisando-o em suas mãos." (1) E o povo, os homens do campo, os trabalhadores mourejavam seus rentos, fecundando a terra, cujas primicias lhes eram roubadas pela corvea, faminta, nessa vida de tristezas e desolações de que nos falam Pentaúr e outros escribas dos velhos tempos egypcios.

Mas infelizmente a dura sorte do povo sempre conculcado, sempre espoliado se continuará ainda por muitos dias e por muitos seculos ! Avancemos !

Avancemos, que na tormentosa noite dos tempos que se vão ainda seguir, como nas illuminações dos grandes dias de conquista e espennejamento popular, havemos de ver se reproduzirem certas formas juridicas ao passo que desaparecerão umas que não tem mais emprego, que se refundirão outras, e espantarão milhares de outras á proporção que a actividade humana se multiplica e se emmaranha. Quantas vezes abrindo um código moderno não deparamos com uma disposição que já havíamos conhecido lendo os detrictos fossilizados da historia egypciaca e que por um phenomeno de revivescencia ou por uma tenacissima persistencia se conservou intacta até nossos dias !

E' que a condição da vida social a que presidiam essas velhas regras se continuam identicas, immutaveis.

CLOVIS BEVILAQUA,

(1) Lenormant — Op. cit. pag. vol. I pag. 188.





## PERFIS



s presentes *perfis* não são senão uma reunião de traços já publicados em diferentes epochas. Assim, o leitor desculpará a repetição de ideias e mesmo de expressões, que fôr encontrando.

A unica novidade será servir-me um pouco mais da philosophia, já que a não posso servir, como o Sr. Dr. Joaquim Nabuco affirmou no *Paiz* de 3 de Dezembro de 1887; mas em resposta ao illustre filho de Pernambuco devo somente notar que nunca pretendi que a cultura intellectual em nosso Estado se resumisse a quatro ou cinco, figurando o meu entre elles; o que sempre desejei foi que não se confundisse o pouco bom com o muito ruim que possuímos.

## DR. JOSÉ HYGINO

Em 1883 em nossas Faculdades de Direito foi banido o *compendio* e substituido pelo *programma*, que veio abrir um largo horisonte aos moços sequiosos de luz.

No meio do abaixamento, a que tinha descido o ensino official com a *apostilla*, appareceu o Dr. José Hygino reagindo tambem contra a rotina da Faculdade e protestando contra a vacuidade da doutrina juridica.

O applicado professor comprehendeu que o homem é uma resultante dos tres reinos, mineral, vegetal e animal, com os quaes conserva as mais estreitas relações, fazendo parte do mechanismo geral do universo, e que as sciencias, que tratam do homem ligam-se ás que occupam-se da natureza, formando todas um vasto organismo; mas em vez de limitar-se a subordinar o estudo do direito á economia da sciencia universal, pretendeu sujeital-o á chamada sciencia social.

E' esta a ideia capital do seu programma, applicado ao direito a concepção de Augusto Comte.

Partindo d'este presupposto, a existencia de uma *sociologia*, que para o Dr. José Hygino não está longe de um postulado, o programma começa por uma investigação da relatividade dos conhecimentos humanos,



O Dr. José Hygino entende que a relatividade dos conhecimentos do homem póde ser tomada em duas accepções: ou significa que não podemos conhecer as cousas como ellas realmente são, mas somente como o permite o nosso cerebro, ou quer dizer que não podemos perceber senão as relações de semelhança e differença das cousas.

Mas não conhecendo nós as cousas em si, e tão somente as relações de coexistencia e successão, affirma o Dr. José Hygino que “as proposições que expressam taes relações chamam-se leis naturaes, e que d'estas o que domina todos os phenomenos é a lei de causalidade.”

Esta affirmação tem produzido bem grosseiros erros levando a pensar-se que há nexo de causalidade entre os phenomenos de coexistencia. A causalidade pertence exclusivamente á cathegoria dos phenomenos de successão.

Nota-se em todo o trabalho do Dr. José Hygino uma certa ausencia de senso critico e de força intuitiva, o que faz que não seja uma obra perfeita e acabada, isenta de qualquer desharmonia ou incoherencia entre as partes.

Assim o distincto professor affirma na licção quarta: “não ha senão um methodo scientifico, que póde denominar-se objectivo” quando antes havia dito que “os nossos conhecimentos dependem das nossas sensações, e estas por sua vez dos nossos sentidos; de maneira que se não tivéssemos os mesmos sentidos ou se tivéssemos maior numero d'elles, ou se estes fossem organisados de modo diverso, diversos seriam os nossos conhecimentos do mundo exterior.”

Que methodo objectivo é este, em face do qual parece desvendarem-se todos os segredos da natureza?

Para o Dr. José Hygino é o que molda as suas concepções sobre a realidade das cousas.

De que realidade, porem trata-se? Será a cousa em si?

Mas se o espirito humano não pode conhecer as cousas em si, se o mundo exterior não é senão “esse quer que seja de desconhecido que produz em nós sensações,” se no conhecimento das cousas entre o nosso *eu* com os seus sentidos, com as suas sensações, em uma palavra com a sua constituição mental, que não nos deixa vêr as cousas como ellas realmente são, mas tão somente como ellas existem em nosso cerebro, que as transforma atravez da sua organização como é que pode conceber-se o espirito humano moldando as suas



concepções sobre a realidade das cousas para deste modo fazer verdadeira sciencia ?

Esta contradicção é tanto menos desculpavel quanto é certo que desde Descartes o problema do real e do ideal tem sido a preocupação constante dos philosophos.

Saber o que há de objectivo e subjectivo no conhecimento humano, eis a tarefa que desde muito a si impuzeram Descartes, Malebranche, Leibnitz, Spinoza, Berkeley, Locke, Kant.

Todos elles têm procurado a linha de separação entre o real e o ideal, entre o objectivo e o subjectivo, entre a cousa em si e a representação, concluindo todos que a cousa em si, a *realidade*, nos escapa inteiramente, e que o universo não existe para nós senão como representação. D'ahi vem dizer Schopenhauer que nós não conhecemos as cousas como ellas existem em si, porem pura e simplesmente como ellas nos apparecem.

Todo conhecimento é ao mesmo tempo real e ideal: real em seu ponto de partida, ideal em suas conclusões ; e se não existe senão um methodo scientifico, pois que não há senão uma sciencia da natureza, este é ao mesmo tempo objectivo e subjectivo.

Não póle haver methodo puramente objectivo, porque se a natureza não póde ser conhecida senão pela observação, não é menos certo que a observação depende do espirito do observador.

A sciencia não é senão uma interpretação da natureza. Não é tanto o mundo exterior que esclarece o nosso espirito ; mas antes este que illumina o mundo exterior.

A natureza alarga-se, desenvolve-se em todas as suas maravilhas, em todos os seus esplendores, a proporção que o nosso espirito projecta sobre ella uma maior quantidade de luz.

Para mostrar que existe uma *sociologia*, procura o Dr. José Hygino provar que os factos sociaes estão sujeitos como os phenomenos physicos ou chimicos a leis invariaveis e constantes. (1)

“ Antes de tudo convem não esquecer que o conceito de lei como factor, que produz cathogorias de phenomenos, é tão falso como o de uma divindade governando o universo.

“ A lei natural não é senão uma formula, que exprime a constancia e a invariabilidade com que, para nós, se apresentam as diversas ordens de phenomenos.

---

(1) Aqui transcrevo quasi integralmente o que a respeito de *Sociologia* escrevi na introduccão ás *Questões Vigentes*.



“Ora, o universo inteiro vive n'uma transformação continua, n'um *feri* perpetuo; e a proporção que a natureza evolue, passando do homogeneo ao heterogeneo, vai perdendo a estabilidade e a fixidez, e a sciencia tornando-se pouco a pouco impossivel.

“A instabilidade dos estados está na razão *directa* da complexidade dos phenomenos e é por isso que a proporção que os phenomenos se multiplicam, passando de estados homogeneos a estados heterogeneos, a possibilidade da sciencia vai desaparecendo e a necessidade do ideal surgindo.

“Como vê-se a instabilidade dos phenomenos de ordem superior não é cousa extranha á economia geral da natureza, e a difficuldade, senão impossibilidade da constituição de uma sociologia nasce d'aquella instabilidade, filha da grande heterogeneidade dos estados da evolução universal.”

De que factos sociaes serve-se o Dr. José Hygino para provar que estes estão sujeitos a leis invariaveis e constantes?

Em primeiro lugar, da linguagem, cujo desenvolvimento póde ser comparado ao do ceu estrellado, passando por diversas transformações, desde a nebulosa irreductivel até o mais harmonioso systema solar.

Assim como o telescopio mostra-nos mundos em diversos periodos de formação, da mesma sorte o sanscripto, que foi para os philologos o mesmo que a balança para os chimicos, faz nos ver linguas passando regularmente por phases, que não podem ser alteradas.

A philologia auctorisa-nos a sustentar que as linguas passam por tres periodos de formação — monosyllabismo, agglutinação e flexão.

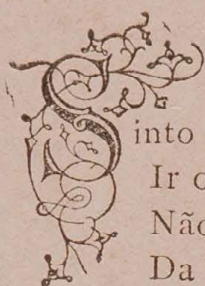
Mas quando mesmo a linguagem fosse um phenomeno puramente social, o que significam as tres phases successivas do desenvolvimento das linguas senão que estas, como tudo no universo, estão sujeitas á lei geral, que Burnouf chamou a *lei dos periodos*, em virtude da qual todo progresso não se realisa senão pela passagem de um estado a outro, em que o equilibrio se quebra em detrimento de um antigo phenomeno e em proveito de um novo?

(Continua)

ARTHUR ORLANDO.



## Umbra



into fugir-me a força em meio a travessia,  
Ir o vento faltando às velas do meo barco.  
Não creio poder ver o derradeiro marco  
Da marcha que encetei. A estrada é fugidia.

E' fugidia e má. Some-se no horisonte  
Como um rio no mar, como o oceano verde  
Na linha azul do céu purissimo se perde...  
Deserta-me o vigor do peito nú, da frente...

Baixa sobre este seio a sombra carregada  
D'uma noite polar, cahotica, infinita,  
Onde uma nota só não vibra illuminada.

E' que as vezes me dóe o coração. Agita  
O tédio sobre mim sua aza somnolenta,  
E então embalde o sol, que vi no ar, me tenta !

IZIDORO MARTINS JUNIOR





## BIBLIOGRAPHIA

FRAGMENTOS JURIDICO-PHILOSOPHICOS, por *J. Isidoro MARTINS JUNIOR* — Recife, Typ. Apollo, 1891

( *Continuação do n. 10* )



Dr. Martins caracteriza bem a função primitiva do processo com a seguinte afirmação: “Ellas (as leis do processo) servem de actualisar o que é potencial e abstracto; movimentam e dramatisam as faculdades juridicas que repousam latentes no seio da consciencia individual” (pag. 44). São órgãos por onde circula a vida juridica de um povo, e, pois, tambem não constituem o direito, antes o supõem.

Para traçar as feições dos processos germanico e romano o nosso illustre collaborador não se limita a abrir os livros em que se encontram as leis processuaes, a repetir o que os monumentos nos mostram sobre isto; mas em deslumbrantes palavras, rapidas e verdadeiras, pinta costumes, habitos e sentimentos dos dous povos que o preoccupam, faz, enfim, a psychologia do romano e a do germano; para dahi deduzir as consequencias acertadas de sua these.

Resumindo seu estudo neste particular, diz : “eis, pois, a face saliente da antiga *psyché* germanica: o sentimento da independencia pessoal, unido ao culto da valentia e da força.”

A *psyché* do romano não a faz o illustre Professor de Direito, porque esposa o que deste povo diz Carle em sua obra — *La vitta del Diritto*.

Estas notas caracteristicas da vida dos dous povos são os primeiros pilares em que assenta o corpo todo do bello edificio architectado pela these do Dr. Martins Junior: — em Roma a luta juridica é socionomica ou statunomica; na velha Germania ella se manifesta autonomica ou demonomica —

Para chegarmos a conhecer si é verdadeira esta these, comece-



mos por simplificar os termos em que se acha expressa, reduzindo-a a uma technologia mais conhecida.

Quanto aos romanos, affirma o Dr. Martins Junior que o processo é obra do Estado, é producto das forças politicas; quanto aos germanos, diz elle que o processo é organizado pelo individuo, na affirmção de seus direitos, é obra do movimento popular.

Para demonstrar estas proposições serve-se o illustre Professor de abundante argumentação, tirada quer dos livros da velha praxe juridica germanica, quer do *corpus juris* e das obras dos Jurisconsultos romanos. Podemos verificar que cada descoberta feita pelo Dr. Martins Junior neste estudo de paleontologia juridica vem documentada de modo a não se lhe poder recusar assentimento. A sua these é verdadeira não só pelos estudos da psychologia dos dous povos, como pelos documentos e provas que a sustentam.

O sentimento de independencia e valor do germano creou um processo mais franco e amplo, onde a acção individual movia-se com facilidade na affirmção do direito; o germano *per far valere il suo diritto, afferra di propria autorita la cosa che crede appartenergli, si appiglia alla pignorazione privata contro il proprio debitore, ed alla faida o vendetta contro il proprio offensore*, como diz Carle.

O espirito politico dos romanos insufflou no processo o seu sopro autoritario, donde o revestimento das leis processuaes de uma feição aberta de *res publica*. Aqui não é mais a luta juridica um recurso individual (*selbsthuelfe*), mas uma couraça que o Estado forjára, que larga ou apertada, ha de ser usada pelo campeão dos combates de Themis.

A differença que se nota *no acto formal, no direito das provas e na accumulção das acções* entre os dous processos forma "um espirito de protecção quasi incondicional para com o direito offendido, uma decisiva tendencia para ordenar a *luta* juridica de accordo, antes com os interesses do queixoso, do que com as exigencias conceituaes de uma justiça abstracta."

( Continua ).

ADELINO FILHO.





## AFFECTIVOS

(1885 - 1886)

I—UNA



Petala de rosa, unica virente  
d'aquelle outr'ora caule não vingado  
que de folhas rosadas circulado  
mal dois dias viveu exposto ao quente

sol que desata as petalas ás flores ;  
de sobra, folha, te console o vêres  
que de teu rôsto o sol com seus poderes  
crestar não poudes as inda vivas côres !

Gôttas todas sangraram uma á uma  
desta, que teve a vida de uma flôr,  
desgraçada paixão; mas sobre a espuma,

tal a folha que o vento poz á nado,  
boia meu coração da mesma côr,  
das fraquezas do mundo separado.





## II—MUTILADA

Ha entre as moças uma que a Natura  
desejando compôr um todo raro  
fez de diamante e sol e de velludo ;  
para formar aquella creatura,  
d'entre o que ha de luminoso e claro  
no mundo, a Natureza empregou tudo.

Pois essa que entre as outras é princeza  
e a inimitavel artista modelara  
na belleza da forma uma excepção;  
pois essa mesma a propria Natureza,  
só talvez por contraste, esculpturara  
contra a regra animal: sem coração !



## III—NULLA

Foge à pomba do lago e incauta poisa  
sobre o arvoredos nos garranchos nús;  
houve de certo seductora coisa  
que afastou-a da beira dos paús.

Mas vae voltar. O caçador sombrio  
de traz das moitas prestes lhe dispara;  
e tomba morto o passaro bravio  
sobre o palhiço agreste da seara.



Tambem de pombas bravas se povôa  
todo meu coração ; vôam e voltam  
em bandos como as aves da lagôa.

São esperanças d'alma ! Uma das quaes  
que voou muito cedo e eu vi matarem,  
esperança de amor, não voltou mais.

---

#### IV — FIM

Eu me illudi. Julguei-a o anjo das regiões  
immaculadas onde  
moram fadas e soes, estreillas e visões.

Supponde o paraíso em vida, sim, supponde !

Casto e gracioso o andar e casto o olhar de Vesta,  
no mysterioso seio o abysmo de um thesoiro,  
surgira-me ideal e illuminada e d'oiro  
como um palmo de lua acima da floresta.

Alva como essa alvura etherea dos archanjos,  
loiros cabellos, rosea a pequenina bôcca,  
nas palpebras um par de cilios relusentes  
e a cabelleira pouca.

E no labio trahidor, de um transparente vago,  
o raro entreabrir das perolas do mar  
que cravaram-lhe alli no carcere exquisito  
da multidão dos dentes.



E nos olhos dous anjos  
fitando-nos por traz do largo e manso olhar,  
mais manso do que um lago,  
largo como o horisonte immenso do infinito.

Corpo docil e nobre e pés pequenos, brancos.  
Nem se pode saber dar preferencia, ao menos,  
si do tórso franzino ou á cintura e aos flancos,  
si á nobreza ideal d'aquelles pés pequenos.

Quem conheceu rivaes áquellas mãos torneadas  
alvissimas e nuas,  
e áquellas faces duas  
como rosas da côr da purpura, rosadas?

Mas devias, Deus máo do Amôr ! devias ter  
— vida d'aquella estatua, alma d'aquelle vulto —  
enthesoirado alli no abysmo do seu ser  
um coração occulto  
aonde residisse  
toda a fonte vital do voto que empenhou,  
das fallas que me disse,  
fallas, votos de amor, que o tempo sepultou !...

Eu te perdôo, flôr. Tu me morreste n'alma  
como morre ao olhar do navegante humano  
essa — que baixa e desce ethereal e nua  
na abobada do ceu suspensa em noite calma —  
imagem circular phantastica da Lua  
cujo brilho apagou-se e afunda no oceano.

FERNANDO DE CASTRO





## Simile



tudo triste, pallido e dormente.  
D'agua as manchas escuras pela estrada  
frisa o chuveiro opaco e persistente  
n'uma cadencia triste e desolada,

Mas quando o Sol, á intervallos, desce  
por entre as nuvens os seus raios d'oiro,  
pelas campinas humidas parece  
a agua a pedraria de um thezoiro.

Assim, quando do terno olhar radioso  
dessa querida e meiga creatura  
cahe sobre mim um raio luminoso ;

do meu amor as magoas, a agonia,  
têm reflexos aureos de ternura,  
scintillações extranhas de alegria.

DAVINO PONTUAL





## O TEMPO



Como o tempo é veloz ! Como correm os dias  
Rápidos como a setta a recortar o espaço !  
Mais uma noite o sol a porejar canção !  
Mais um minuto a luz em mutações sombrias !

O que era Ilusão em mundos de alegrias  
Hontem, é para nós hoje, indelevel traço  
Da Realidade atroz que luta braço a braço  
Contra o termo fatal das nossas agonias !

E assim se vae passando o tempo... Negligente  
Nos afigura a nós, no entanto velozmente  
Corre, vóá, dispara em rumo sempre incerto !

Ora o vemos no azul, ora no descampado,  
E sempre o mesmo tempo ! o mesmo ! só mudado  
O rosto seu feliz das illusões deserto !

LEONIDAS E SÁ.

## RECTIFICAÇÃO



No numero anterior desta *Revista* vem os seguintes erros que  
convem corrigir :

A' pagina 156, linha 10, cercas de *luxo*, por cercas de  
buxo.

A' mesma pagina, linha 31, *marions*, por Marions.

A' pagina 158, linha 22, *coser*, por lazer.

Os outros enganos são de facil correcção.